

CEDI**Povos Indígenas no Brasil**Fonte: Jornal do BrasilClass.: 18Data: 05/12/73

Pg.: _____

Funai nega poluição industrial em tribos

Brasília (Sucursal) — A Fundação Nacional do Índio considerou inverossímil a possibilidade de que tribos indígenas ao Norte do Brasil estejam contaminadas por resíduos de poluição industrial, mas um funcionário do órgão observou que os pesquisadores norte-americanos podem estar confundidos por uma doença, pouco conhecida, que, de fato, está atacando as tribos Yanomani e Makiritare, do grupo Caribe, em Roraima.

Ressaltou no entanto que a doença desses grupos tribais continua sendo pesquisada pelo Instituto Evandro Chagas, de Belém do Pará, que a atribui ao mosquito *Simulium*, vulgarmente conhecido por *borrachudo*. A doença parece ter as mesmas características da que foi descrita pelos norte-americanos: começa com forte coceira e pode deixar cega sua vítima.

NO CAMINHO DA PERIMETRAL

Patologistas do Instituto Evandro Chagas, de Belém, examinaram um grupo de 94 índios, dos quais 60 estão contaminados pela doença e dois já estão cegos. A doença foi descoberta por missionários norte-americanos que prestam assistência aos indígenas e constatada por funcionários do Governo que se encontravam em Roraima examinando problemas ligados à construção da Perimetral-Norte.

A doença só era conhecida na América Central e sua ocorrência no Brasil foi registrada pela primeira vez agora. O mosquito transmissor vive, em geral, em altitudes que oscilam de 300 a 1.500 metros, o que dificulta a disseminação da doença no próprio território de Roraima, constituído, em sua parte, por extensas campinas. Os índios contaminados pertencem a aldeamentos localizados nas encostas de grandes montanhas que se levantam abruptamente ao Norte do território e que fazem divisa com a Venezuela.

O tratamento dos índios foi dificultado, inicialmente, pela identificação da doença, que nunca se registrara no Brasil. O tratamento é também custoso, porque o único remédio conhecido é o Hetrasan, fabricado nos Estados Unidos.

Além disso, a Funai e os órgãos de saúde do Governo que trataram do problema tiveram dificuldades para atingir a área de incidência do mal.

MERCÚRIO

Entretanto, o jornal *The New York Times* publicou estudos que vêm sendo desenvolvidos por cientistas brasileiros, venezuelanos e norte-americanos em tribos que vivem isoladas na Venezuela e Norte do Brasil, nos últimos oito anos.

Muitas das tribos da floresta Amazônica — de acordo com esses estudos — têm traços de mercúrio em concentrações muito mais elevadas do que os índices registrados nas populações das cidades americanas. Muitos dos indígenas apresentaram índices anormalmente elevados de aberrações cromossômicas e algumas das células sanguíneas examinadas continham cromossomos situados entre os mais anormais já observados no homem.

De acordo com a Fundação Nacional de Ciência dos Estados Unidos, estas anormalidades excedem às encontradas nas células sanguíneas dos sobreviventes de Hiroxima e Nagasaki. Estudos posteriores realizados nas tribos da Amazônia sugerem que algum acontecimento natural em 1969, possivelmente o surto de uma infecção virótica, causou tais efeitos nos cromossomos.

Para o Dr. Lawrence Hecker, da Faculdade de Saúde Pública da Universidade de Michigan e um dos líderes das pesquisas, disse que o alto grau de mercúrio em muitas das tribos é um mistério.

Hecker disse que o excesso de mercúrio não está provocando, aparentemente, nenhum efeito maléfico nos indígenas, embora tenha sido demonstrado que a acumulação excessiva do mercúrio é um risco para a saúde em várias partes do mundo.

Para outros minerais testados em pesquisas, como o cádmio e o chumbo, os índices nos indígenas foram bem menores do que os registrados nas áreas industrializadas do mundo. Os níveis do chumbo entre os indígenas da Amazônia foram descritos como os mais baixos de todo o mundo.